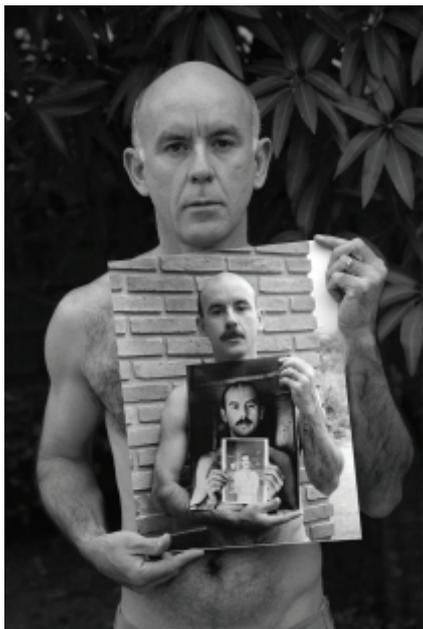


Ricardo Cordeiro, Coração de Leão



Ricardo Carlos Cordeiro é médico epidemiologista da FCM da Unicamp, fotógrafo e explorador do continente americano. Já viajou 20 mil quilômetros do bairro Barão Geraldo, em Campinas, até o *Grand Canyon*, no estado do Arizona, Estados Unidos. Foram 60 dias a bordo de uma camionete amarela percorrendo 13 países da América. Ainda esse ano, pretende escalar o vulcão "Ojos del Salado", que fica na região de Puna, na América do Sul. Ricardo escreve contos desde a juventude. É um passa-tempo. Quando o texto fica interessante, divulga para os amigos.



O último engarrafamento

Eram 18 horas de um dia chuvoso. Como um contorcionista, Maurício saiu do carro. Seu corpo magrelo passou por uma fresta de 20 centímetros que, por milagre, havia entre seu Uno Mile e uma van no Viaduto do Chá. O viaduto estava parado. As pistas tomadas por veículos justapostos, imóveis. Até as calçadas, em ambos os lados, estavam abarrotadas de automóveis. Ensopado, Maurício subiu na capota de seu Uno. Olhou para um lado, olhou para o outro. Olhos arregalados, não acreditava no cenário desconcertante à sua frente. O Vale do Anhangabaú estava tomado por centenas de milhares de carros, motos, ônibus, caminhões grudados uns aos outros, imóveis. O som da chuva batendo no teto dos carros se misturava ao ruído dos motores e ao barulho das buzinas ensandecidas.

Doze horas antes, Maurício partira de casa para o trabalho, como sempre fazia. Não estava só. Todos os dias, milhões de paulistanos tiram seus carros da garagem para ir trabalhar. Mas aquele era um dia especial. Amanheceu chovendo. Era véspera de feriado. Aparte os que normalmente saem de carro toda manhã, mais os que ficaram com medo da chuva, muita

gente tirou seus veículos da garagem para emendar o feriado no final do expediente. Não era esse o plano de Maurício. Bastavam as três, quatro horas que perdia, diariamente, em congestionamentos que se formavam cada vez mais cedo e terminavam cada vez mais tarde pela cidade. Emendar o feriado era emendar mais dois engarrafamentos, um para sair, outro para entrar em São Paulo. Tudo o que ele queria era fechar o escritório e ir direto para casa.

O Natal estava próximo. Aparte os que normalmente saem de carro toda manhã, mais os que ficaram com medo da chuva, mais os que emendariam o feriado, muita gente tirou seus veículos das garagens para passar em algum shopping e comprar os presentes que ainda faltavam. Maurício estava livre dessa diversão paulistana. Filho único criado em apartamento, solteiro, tímido e solitário. Os poucos presentes há muito estavam comprados e embalados.

E para completar o cenário, naquela manhã, os metroviários entraram em greve. Aparte os que normalmente saem de carro toda manhã, mais os que ficaram com medo da chuva, mais os que passariam no shopping, muita gente que normalmente utilizava o transporte público, naquela manhã tirou seus carros da garagem porque sabia que, além e por causa da falta de metrô, trens e ônibus



estariam quase inacessíveis. Maurício, que normalmente chegava às oito no escritório no Viaduto do Chá, naquela manhã tão complicada passou quatro horas dentro de seu Uno Mile até chegar ao trabalho. Saiu da Casa Verde, pegou a Avenida Braz Leme, Avenida Rudge, Largo do Paissandu e pronto, Viaduto do Chá. Um trajeto de apenas sete quilômetros. A pé demoraria uma hora e meia. Mas, tinha um problema. Havia mais carros do que ruas naquela manhã.

Setenta quilômetros de lentidão no trânsito de São Paulo. Já era perto da hora do almoço quando Maurício, finalmente, conseguiu chegar ao trabalho. Noventa quilômetros de lentidão em São Paulo. A chuva continua. Cento e trinta quilômetros de lentidão em São Paulo. Metroviários em protesto bloqueiam a Avenida Paulista. Cento e setenta quilômetros de lentidão em São Paulo. Pontos de alagamento começaram a pipocar, aqui e ali. Duzentos e dez quilômetros de lentidão em São Paulo. O rio Tietê começa a inundar as pistas expressas da Marginal na altura da Ponte do Limão. Duzentos e cinquenta quilômetros de lentidão. A Marginal Tietê parou. Trezentos e vinte quilômetros de lentidão. A Marginal Pinheiros parou. As regiões Oeste, Norte e Leste da cidade perdem a conexão entre si. O Secretário Municipal de Transportes responsabiliza os grevistas pelos problemas no trânsito e ameaça cortar o ponto dos metroviários que não retornarem ao trabalho, imediatamente. Trezentos e cinquenta quilômetros de lentidão em São Paulo. O colapso das marginais bloqueia as saídas da cidade pelas rodovias Regis Bittencourt, Castelo Branco, Anhanguera, Bandeirantes, Fernão Dias, Dutra e Airton Senna. A CET já não sabe mais como estimar os quilômetros de

lentidão na cidade. Estado de alerta. Nas rádios, o prefeito responsabiliza a chuva pelo caos instalado e conclama a população a não sair de casa.

Foi inócua a orientação do prefeito. Ninguém mais conseguia sair de casa. Ninguém mais conseguia voltar para casa. Das marginais, o congestionamento se propagou para Santana, Campos Elísios, Freguesia do Ó, Vila Guilherme, Mooca, Vila Prudente, Centro, Pinheiros, Interlagos, toda a periferia.

Às 17 horas, fim de expediente, Maurício desce para a garagem, entra em seu Uno Mile e sai. O Viaduto do Chá estava tomado de carros e ônibus, quase parados. Alguns motoristas, em desespero, começam a transitar pelas calçadas, seguidos de outros, e outros. Havia carros apontados para todos os lados. Perdera-se a noção de mão e contra-mão.

E, num momento em que nenhuma regra de trânsito prevalecia, tornou-se impossível transitar pela cidade. Travou! De Norte a Sul, São Paulo estava coberta de automóveis grudados uns aos outros. Ocupavam não apenas as ruas, mas também praças, parques e calçadas. Não havia seis metros quadrados de área contínua livre na superfície da cidade. Qualquer espaço igual ou maior que isso estava ocupado por um veículo.

Maurício era um rapaz simples. Do alto da capota de seu carro pensava consigo mesmo – só queria ir para casa descansar. Não percebeu que presenciava uma violenta ruptura na história de São Paulo. Não existia mais casa. Não existia mais trabalho. Não existia mais nada. A cidade foi tragada por seu último engarrafamento. Aos poucos, com dificuldade, os milhões de motoristas saíam de seus automóveis, andando em procissão sobre as capotas molhadas. Partiram para refundar a cidade em outro lugar. Deixaram sobre o Planalto de Piratininga, como legado, uma cobertura de milhões de toneladas de blocos de metal justapostos. Escultura coletiva. Um monumento à imbecilidade humana. 🏛️

Se você escreve, mande seus poemas, contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br